

“Tudo o que não é intenso aborrece-me”

Intensidade é a palavra-chave da primeira longa de ficção de Sérgio Tréfaut. Inspirada num caso verídico, “Viagem a Portugal” é uma “coisa esquisita” que prossegue o modo muito pessoal do autor de “Lisboetas” e “A Cidade dos Mortos” contar histórias. *Jorge Mourinha*

“Viagem a Portugal” é uma história verdadeira: na Noite de Ano Novo de 1998, uma ucraniana de visita ao marido, recém-chegada a Faro, é detida pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e dá por si suspeita de ser uma imigrante ilegal, apanhada numa engrenagem kafkiana. É, no papel, o típico filme de “denúncia” sobre um tópico sério que atrairia um documentarista pronto a estreir-se na ficção narrativa. Um filme político (como a própria nota de intenções admite), levantando o véu sobre uma

estatística pouco conhecida do público e cujo custo humano é sistematicamente ignorado.

Na prática, contudo, este não é o filme típico de documentarista em tempo de estreia. A história verdadeira é tratada por Sérgio Tréfaut nos precisos antipodas do que se esperaria. “Todo o lado um bocadinho sentimental de telefilme”, nas palavras do realizador de “Lisboetas” e “A Cidade dos Mortos”, foi expulso de uma obra que assume um formalismo estilizado, uma abordagem despojada e depu-

rada que concentra a acção num único local (as instalações do aeroporto) e nas 24 horas do Ano Novo de 1998 - não por acaso, o ano da Expo 98.

“Lutei muito” por essa depuração, como disse Tréfaut ao Ipsilon poucos dias antes da estreia de “Viagem a Portugal” no IndieLisboa, em Maio. “É uma coisa que levou muito tempo a ser encontrada e é fruto de muita coisa, de opções de produção”, nascidas da vontade assumida de conjugar uma intensidade emocional e uma economia de meios quase impiedosas - como já vem sendo hábito nos filmes (extremamente trabalhados) do realizador. “Viagem a Portugal” foi fruto de uma longa gestação (“o guião começou a existir em 2003”) e foi sendo depurado ao longo dos anos.

“Não tenho problemas em cortar, na medida em que continue a dizer o que tenho para dizer”, diz. Cita uma cena pensada como um possível “epílogo”, que chegou a ser filmada mas foi descartada na montagem por ser “dispensável. Era um pequeno desvio que tirava a intensidade que eu queria manter no filme”. Mais do que isso - e de acordo com a história verdadeira que inspirou o filme - o resultado corresponde “aproximadamente a um terço do guião original, que incluía também o regresso de Maria à Ucrânia e depois o seu regresso a Portugal, morrendo de medo, chamada pelo marido. Cheguei a filmar imenso na Ucrânia e em Sevilha, e acabei por jogar tudo no lixo. Não sei se isso é maturidade ou loucura - há coisas até muito bonitas [naquilo que filmei], mas não me sentia satisfeito. Não sentia necessidade de nada disso. O filme precisava de uma intensidade muito grande. E, de uma maneira geral, tudo o que não é intenso me aborrece!”

Na ficção, no documentário

Tréfaut ri-se, tal como quando adianta que fazer uma ficção não marcou um salto tão significativo como muitos pensarão. “Era um desafio necessário. No documentário pode-se perder uma coisa irrepitível num dia; mas no modo como trabalho, que leva o tempo que for preciso, vão-se fazendo as escolhas à medida que se vai percebendo para onde o filme vai. Na ficção, tem de se lidar com um orçamento apertado, mesmo sendo produtor. No documentário só uma percentagem pequena da totalidade é aproveitada, e vão-se fazendo as correcções à medida que se vai filmando; na ficção é preciso muita coragem para fazer frente a uma equipa e dizer, não, isso tem de se mudar. É mais complicado, mas não senti que estivesse a encontrar nada de novo.”

Mesmo tendo, pela primeira vez, de dirigir actores - e não actores quaisquer: Maria de Medeiros, no papel da ucraniana, e Isabel Ruth, no papel da inspectora do SEF. Mas isso também não foi intimidante. “A direcção de actores tem a ver com saber quem é que se quer. No documentário, quando se escolhe filmar este senhor ou esta senhora ou esta criança, é porque se viu nela as mesmas capacidades [do que] quando se tem de fazer uma escolha para ficção. O filme foi escrito para a Isabel Ruth, a primeira linha de filme foi escrita para ela. É sempre foi uma ambição minha fazer com que a Maria de Medeiros tivesse um papel à altura do que eu acho que ela é capaz. Ela é maravilhosa em teatro e muitas vezes em cinema eu não ficava satisfeito. Queria uma Maria como acho que ela poderia ser - e foi um prazer enorme [dirigi-las]. Uma ficção passa, como o documentário, pelo prazer de filmar uma pessoa de quem se gosta.”

“Sempre foi uma ambição minha fazer com que a Maria de Medeiros tivesse um papel à altura do que acho que ela é capaz. Ela é maravilhosa em teatro e muitas vezes em cinema eu não ficava satisfeito”
Serge Tréfaut

Sente-se, no discurso do realizador, uma serenidade com o resultado final do filme que define, meio a brincar, como “uma coisa esquisita”, pelo seu formalismo inesperado; mas que, por isso, ganha uma dimensão mais angustiante. Não por acaso, a estreia de “Viagem a Portugal” coincide com a criação de uma plataforma de denúncia “online” para tornar mais visíveis incidentes como o que inspirou o filme, e com a divulgação dos números do Eurostat referentes a 2009, indicando Portugal como o país que mais naturalizou estrangeiros. Pelo meio disto, Sérgio Tréfaut faz questão de recordar uma coisa: para o seu aclamado documentário sobre a imigração “invisível”, “Lisboetas”, não foi autorizado a filmar nas instalações do SEF.

Ver crítica de filmes pág. 42 e segs.

É uma história verdadeira: na Noite de Ano Novo de 1998, uma ucraniana de visita ao marido, recém-chegada a Faro, é detida pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e dá por si suspeita de ser uma imigrante ilegal, apanhada numa engrenagem kafkiana - Maria de Medeiros é a imigrante, Isabel Ruth a inspectora do SEF

